

“ANNUNCIOS” NUMA CIDADE ESCRAVISTA DA PARAHYBA

Eleonora Felix da Silva

Situada na região do brejo paraibano, o atual município de Areia na primeira metade do século XIX foi elevada à condição de Vila (1815) e posteriormente emancipou-se politicamente em 18 de maio de 1846. Fatos estes que assinalam a expressividade econômica que a localidade vinha alcançando, sendo que sua formação econômica e social esteve vinculada à atividade agrária. Segundo o historiador Horácio de Almeida (1958) a presença do trabalho escravo em Areia se fez presente desde os primórdios e foi intensificada com o crescimento da agricultura canavieira.¹ Em Areia havia condições climáticas favoráveis ao cultivo da cana de açúcar, daí sua implantação possibilitar o desenvolvimento de pequenos e numerosos engenhos onde se transformava aquela matéria prima em produtos como o açúcar e a rapadura, bem como a aguardente. Essa produção agrícola era favorecida pela demanda do açúcar no litoral, e da rapadura, no sertão.

A força de trabalho empregada nos engenhos foi a mão de obra escrava, sendo que no século XIX Areia era uma das cidades de maior número de cativos da província da Parahyba do Norte como se pode ler no jornal “O Norte”, mas os senhores não chegavam a ostentar numeroso contingente de escravos.² Entretanto, em Areia, foi com a utilização do trabalho escravo que a lavoura canavieira atingiu seu apogeu e possibilitou um crescimento comercial na segunda metade do século XIX.

Um olhar sobre a sociedade escravista que se formou em Areia pode se dar a partir de uma pesquisa tomando como *corpus* documental os jornais publicados na cidade. Tomando os jornais como fontes históricas pode-se entrar no universo das relações pessoais, observar ideias e costumes da época, quando não é mais possível entrevistar os próprios agentes sociais de um processo histórico. A prática do uso do jornal como fonte histórica pode ser situada na esteira da renovação e alargamento da concepção de documento, verificada na renovação historiográfica vigente desde a década de 1960.³ É indispensável dizer que os periódicos não são fontes de verdades absolutas e imparciais, uma vez que a análise de textos jornalísticos deve se pautar numa leitura interpretativa e não num simples relato dos fatos.

¹ Veja ALMEIDA, Horácio de. **Brejo de Areia**: Memórias de um município. Rio de Janeiro: MEC, 1958.

² Veja O Norte, 1977. Acervo do Museu Regional de Areia.

³ ARANHA, Gervácio Batista. **Realismo vs. nominalismo e a escrita da história**: questões para o século XXI. Campina Grande – PB, 2004. Texto inédito.

Portanto, podemos lançar um olhar sobre a sociedade escravista analisando os jornais publicados na cidade e construí-los como fontes históricas para produção de conhecimento.⁴ Assim sendo, os historiadores podem utilizar os fatos jornalísticos como sinais da atividade humana que nos dão indícios para a compreensão das experiências cotidianas dos grupos sociais, posto que hoje todos os vestígios deixados pelo homem são possibilidades para elaboração de conhecimento histórico.

A problematização dos jornais como fonte histórica tem como fundamento teórico o paradigma indiciário proposto pelo historiador italiano Carlo Ginzburg, segundo o qual o paradigma indiciário consiste na interpretação dos fatos a partir de partes que o constituem, ou melhor, interpretar o fato com o auxílio de indícios quase imperceptíveis. Para o referido historiador as ciências humanas foram modeladas pelo paradigma indiciário, [...] “alguns indícios mínimos eram assumidos como elementos reveladores de fenômenos mais gerais: a visão de mundo de uma classe social, de um escritor ou de toda uma sociedade” (GINZBURG, 1989, p. 178). E mais, o conhecimento histórico é indireto, indiciário, conjectural “porque analisa os componentes de uma sociedade a partir de indícios, sinais que podem decifrar uma sociedade”.

Nesta perspectiva, podemos analisar alguns periódicos publicados no município de Areia, localizado na então província da Parahyba do Norte, no contexto da segunda metade do século XIX e problematizar os indícios de comércio, tensões, resistências e movimentos de escravos contra a escravidão.

Tomando como objeto de análise o comércio de escravos ocorridos nas sociedades escravistas podemos estudar os anúncios de compra e venda de escravos, dado que ser comercializado era uma das múltiplas experiências do ser humano escravizado. Analisando alguns periódicos publicados na cidade de Areia nos foi possível localizar indícios do comércio com escravos. Nos jornais de Areia anunciavam se comércios escravistas. No jornal “O Areiense” - na seção “anúncios” - encontramos o caso em que o senhor Canuto Simpliciano da Silva se apresentava como comprador de

escravos:

Annuncios

Canuto Simpliciano da Silva compra escravos dando mais vinte mil réis por cima do preço de qualquer comprador pois para isto tem

⁴ Sobre o uso dos jornais na recente historiografia brasileira veja LUCA, Tânia Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005, p.111-143.

autorização: pode ser procurado a qualquer hora na Rua de Pedro Américo nº 7. (O AREIENSE, 1877, p. 4)

O anúncio acima nos serve para pensar a imprensa como meio de socialização dos negócios de alguns indivíduos detentores de poder econômico. Além disso, observando atentamente percebemos que o anunciante não parece ser um comprador isolado de um ou outro escravo. O senhor Canuto Simpliciano da Silva se apresentava como um comprador de escravos, ou seja, alguém disposto a adquirir muitos escravos. Ele poderia ter interesse em revender os cativos inclusive para fora da província, apresentando então possíveis nexos com o comércio interprovincial de escravos, ainda forte na década de 1870, época da notícia.

“Onde houve escravidão, houve resistência. E de todo tipo”.⁵ Concordamos com essa assertiva dos historiadores João José Reis e Flávio dos Santos Gomes, pois é o que também verificamos ao estudar a sociedade areiense e sua população escravizada. Os escravos, em Areia, nos deram exemplos de diversas formas de resistência, mostrando seus posicionamentos com relação ao trabalho compulsório.

Benedito, Victoriano, Jacinto, Francisco, Filismino, Domingos, Manoel, Isidoro, etc. foram escravos de Areia que buscaram na fuga uma maneira de viver fora do cativeiro. Encontramos a história de resistência desses cativos nos jornais da província da Parahyba, da segunda metade do século XIX, e nos jornais existentes na cidade de Areia, no mesmo período. Os jornais têm sido uma das fontes muito utilizadas nos estudos sobre escravidão no Brasil, pois permitem analisar aspectos importantes da sociedade escravista e, sobretudo, permitem problematizar a história dos escravos, inclusive quando ocorriam as fugas.⁶

Era no espaço urbano que os proprietários de escravos acionavam os jornais como mais um instrumento de controle sobre os negros e negras escravizados. Os senhores escravistas, a fim de defender seus interesses, usavam os jornais para manter sua propriedade quando os cativos fugiam de seus domínios. O senhor Manoel Henrique de Sá Carvalho e Costa fez publicar anúncio em jornal, oferecendo recompensa a quem encontrasse seus escravos fugidos, Francisco e Felismino. Aquele, “creolo de corpo regular, nariz um tanto afilado, rosto comprido, pouca barba no queixo inferior, bem parecido, ar alegre, tem por

⁵ REIS, João José e GOMES, Flávio dos Santos. Uma história de liberdade. In: _____. (org.) **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. Companhia das Letras: São Paulo, 2000, p. 9.

⁶ Sobre o uso dos jornais na recente historiografia brasileira, ver LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p.111-143.

costume quando falar rir-se, pernas finas”; já o seu irmão Felismino era “alto, secco, nariz chato, sem barba, pernas finas, pés regulares, mãos compridas”. (O AREIENSE, 1877, p.4)

Além disso, dizia no mesmo jornal: “roga-se a qualquer pessoa, que apreender os referidos escravos que faça delles entrega nesta cidade”.⁷ A cidade aparece então como lugar dos escravistas sociabilizarem seus interesses, no caso o interesse de preservar sua propriedade. No anúncio citado, o senhor Manoel Henrique de Sá Carvalho e Costa estabeleceu com o senhor Tertuliano Gonçalves Lisboa, morador da cidade, que fosse a ele entregue os escravos caso fossem apreendidos.

Situação semelhante ocorreu com o Dr. Felipe Lopes Neto, morador da cidade de Recife, capital da província de Pernambuco. Em 1851, quando Jacinto seu escravo fugiu, ele divulgou nos jornais que, caso fosse apreendido, o escravo poderia ser entregue, na cidade de Areia, ao senhor Luis Vicente Borges. Jacinto havia nascido na cidade de Areia e pertenceu a Manoel Joze Borges. Este o vendeu, no Recife, para Antonio Joaquim de Almeida, de quem o Dr. Felipe Lopes Neto o adquiriu. Sobre a fuga de Jacinto publicou-se na imprensa:

Fugiu um crioulo de nome Jacinto, baixo, de 20 anos de idade pouco mais ou menos, boca grande, beiços grossos, naris chato, dentes acangulados, com falta de dois no queixo superior: é muito ladino; trajano camisa de bacta verde, e ciloura de algodão americano mesclado de branco; tem na perna esquerda uma fenda aberta e varias cicatrizes de outras. (ARGOS PARAHYBANO, 1851, p. 4)

Notamos que Jacinto foi envolvido no comércio interprovincial de escravos, entre Areia e a cidade de Recife, por isso é possível que ele tenha fugido por achar-se insatisfeito com sua transferência forçosa, do lugar onde nasceu e viveu, para um lugar desconhecido. Além disso, os ferimentos e as cicatrizes que o escravo tinha, conforme a descrição do anúncio, podem ser resultados de severos castigos, os quais ele não estava disposto a suportar, daí a fuga.

Benedicto utilizou-se da fuga para escapar de Maria Dionizio da Conceição em 1858. Através do jornal “A imprensa”, a senhora publicou sua intenção de recuperar o escravo da seguinte maneira:

No dia 11 de janeiro do corrente anno desapareceu do lugar Ariticons, do termo da cidade de Arêa, na Província da Parahyba do Norte, Benedicto, crioulo, cor preta, idade de 18 a 20 annos, de estatura e grossura ordinária, olhos grandes, com um dente podre na frente, pés apalbetados; pertencente a Maria Dionizio da Conceição, moradora no Mazagão, do termo da mesma cidade de Arêa: quem o levar será recompensado. (A IMPRENSA, 1858)

⁷ O Areiense. Cidade d’Areia, 29 de setembro de 1877, nº. 25, p.4.

Sair da cidade com destino incerto foi a opção do escravo mulato Victoriano, em 1850, pertencente a Joaquim Gomes da Silva morador na cidade de Areia. Os escravistas usavam a descrição mais minuciosa possível das características físicas dos cativos, a fim de facilitar o reconhecimento do fujão. No jornal “Argos Parahybano”, Joaquim Gomes da Silva descreveu Victoriano:

Estatura regular, cheio de corpo, representa ter 50 anos de idade, pouco mais ou menos e já (ilegível) rosto comprido e descarnado, cabellos pretos, nariz afilado, boca pequena, lábios finos, falta de dentes na frente e quando ri-se ou falla entorta a boca, queixo fino, pouca barba e dedo anelar da mao esquerda é quase aleijado de um p(ilegível), que teve, mas não o priva de trabalhar; pernas grossas, pés pequenos, [...] gosta de aguardente, é muito ladino; é cazado com mulher forra que não o acompanhou em sua fuga. (ARGOS PARAHYBANO, 1851, p. 4)

A experiência da fuga oferecia muitos riscos que muitas vezes frustravam os projetos dos cativos. No ano de 1877, o escravo Domingos fugiu para a Vila de Alagoa Nova, na província da Parahyba do Norte, quando soube que o seu senhor estava no seu encalce e, quase lhe pegando, preferiu cometer suicídio a ser reescravizado. (O AREIENSE, 1877, p. 2-3)

Experiências dos negros escravizados que resistiram à escravidão e criaram situações de tensões com seus senhores podem ser abordadas a partir do jornal “O Areiense”. Um exemplo de resistência escrava foi o caso do escravo Domingos que fugiu e para não ser reescravizado preferiu suicidar-se. A história de Domingos mostra uma situação limite em que, para não ser reescravizado após a fuga, preferiu a morte, esfaqueando-se. O historiador Luís Carlos Soares (2007) elucidou as variadas estratégias usadas pelos cativos para cometer tal extremo:

O suicídio foi uma das formas mais trágicas e extremas de reação dos escravos ao regime do cativo. [...] Diversos foram os meios utilizados pelos cativos nas suas tentativas de auto eliminação, mas, mais frequentemente, envenenavam-se, esfaqueavam-se, estrangulavam-se, afogavam-se no mar e nos poços d'água, baleavam-se e jogavam-se dos sobrados. (SOARES, 2007, p. 273-274).

A fuga era usada pelos cativos como forma de agir em favor de sua liberdade. Isso nos faz pensar que os escravos de Areia não foram passivos na história e não ficaram submissos à ordem escravista. Fugas de escravos como a dos irmãos Francisco e Filismino representavam contestações abertas ao cativo e ao poder dos senhores, criando situações de tensões. As

relações conflituosas entre senhores e escravos eram expressas por meio da imprensa. Com isso, o dono dos escravos pretendia salvaguardar sua propriedade.

Foi o que aconteceu quando, no dia 8 de junho do ano de 1878, estampava nas páginas d'O Areiense o anúncio em que o senhor José Alves Lima publicou a fuga de seu escravo Manoel, descrevendo-o em detalhes:

No dia 30 de maio último fugio da fazenda do abaixo assignado, no lugar Jandahyra deste termo, seu escravo Manoel, alta, côr parda, um pouco amarello, cabellos carapinhos, testa pequena, falta d'um dente na frente, rosto redondo, 24 anos de idade. Quem o aprehender e levar à casa do abaixo assignado, no engenho Olho d'Agua também deste termo, será gratificado com a quantia de sessenta mil réis. (O AREIENSE, 1878, p. 4)

Nestes tipos de anúncios vemos os jornais sendo utilizados pelos senhores como mecanismo de vigilância. No meio rural, a vigilância dos cativos estava ligada ao senhor ou aos feitores. No ambiente citadino havia ainda os jornais para vigiar os cativos fujões. Desse modo, através do anúncio de jornal, toda a sociedade ficava na expectativa de identificar o cativo fujão, para quem ficava mais arriscado sobreviver nas malhas dessa sociedade.

Os proprietários de escravos lançavam mão da imprensa e do espaço urbano como estratégias para tentar resgatar o escravo fugido, pois a fuga do cativo representava a perda de um investimento que podia trazer prejuízos no trabalho abandonado e, sobretudo, era uma afronta ao seu direito de propriedade. Para os escravizados que ousavam fugir era uma forma de vida em liberdade e era um ato extremo que marcava os limites da dominação, como defendia João José Reis e Eduardo Silva.

De acordo com o que tentamos mostrar acreditamos que é possível fazer uma abordagem das relações escravistas em uma sociedade lançando mão dos periódicos e problematizando a história dos escravos. Essa é uma questão importante uma vez que, com a renovação dos estudos históricos, influenciados pela História Social, os escravos deixaram de serem vistos apenas como mercadorias. Estuda-se hoje a escravidão negra e a abolição encarando as pessoas escravizadas como agentes históricos que construíram sua própria história, não foram vítimas passivas da opressão do sistema escravista.⁸

⁸ Sobre o redimensionamento ocorrido nas pesquisas sobre escravidão no Brasil veja LARA, Silvia Hunold. "Blowin in the Wind: Thompson e a experiência negra no Brasil. In: **Projeto História**. PUC/SP, p. 43-56.

FONTES:

Jornais:

A IMPRENSA. Parahyba, 1858.

ARGOS PARAHYBANO. Parahyba, 1851.

O AREIENSE. Cidade d'Areia, 1877.

O AREIENSE. Cidade d'Areia, 1878.

O NORTE. João Pessoa, 1977.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Horácio de. **Brejo de Areia**: Memórias de um município. Rio de Janeiro: MEC, 1958.

ARANHA, Gervácio Batista. **Realismo vs. nominalismo e a escrita da história**: questões para o século XXI. Campina Grande – PB, 2004. Texto inédito.

GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 178.

LARA, Silvia Hunold. “Blowin in the Wind”: Thompson e a experiência negra no Brasil. In: **Projeto História**. PUC/SP, p. 43-56.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p.111-143.

REIS, João José e GOMES, Flávio dos Santos. Uma história de liberdade. In: _____. (org.) **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. Companhia das Letras: São Paulo, 2000, p. 9.

SOARES, Luís Carlos. **O “Povo de Cam” na Capital do Brasil**: A escravidão urbana no Rio de Janeiro do século XIX. Rio de Janeiro: Faperj – 7 Letras, 2007.